LINGUAGEM POÉTICA: A ARTE QUE ENCANTA COM “ESTRANHAMENTO”

Fernanda Rafaela Fernandes dos Santos *

Maria Analiete Bezerra de Sá*

Pensar a linguagem poética é antes de tudo refletir sobre o “estranhamento” provocado pela mesma diante da configuração e significação que envolve o seu desenvolvimento. Nesta perspectiva valer-se-á do conceito de poesia utilizado por José Paulo Paes em seu livro (apud ABRAMOVICH, 1989, p. 67) “É isso ali”:

A poesia não é mais do que uma brincadeira com as palavras. Nessa brincadeira, cada palavra pode e deve significar mais de uma coisa ao mesmo tempo: isso aí é também isso ali. Toda poesia tem que ter uma surpresa se não tiver, não é poesia: é papo furado.

Diante do exposto, poderíamos dizer que a poesia, enquanto linguagem é uma forma eminente da experiência e da expressão da própria realidade, já que é na linguagem que se dá a abertura do mundo, que se dá o “ser” das coisas, ou seja, seria então a linguagem poética, o modo verdadeiro e diferente de dizer o significado das coisas, das palavras, dos seres.

O dizer diferente identificado na linguagem poética leva ao leitor possibilidades para pensar a língua e sua carga expressiva, que, de acordo com Michelitti (2000, p.22-23) o conduz a uma reflexão mais ampla que envolve desde questões existenciais até o posicionamento do sujeito leitor no seu grupo social.

Diante disso, verifica-se que a poesia lida com toda uma ludicidade comunicativa, que provoca um jogo de significados diferentes, despertando um encantamento que inevitavelmente fomenta o interesse em descobrir, em conhecer o que existe por trás daquelas

* Alunas do curso de Especialização em Literatura Brasileira da Faculdade Sete de Setembro - FASETE.

letras, por trás daquelas palavras. No poema, todo esse jogo desenrola-se a partir de aspectos que permeiam a sua elaboração, dentre os quais poderíamos citar os visuais, os sonoros, os morfossintáticos e os semânticos. Com relação aos visuais, dir-se-ia à luz de Micheletti (2000, p. 26-30) que se refere a integração entre significado e sentido do poema, tratando da forma como este é constituído, podendo ser regular ou irregular. Os sonoros, por sua vez compreendem a métrica, o ritmo e a rima, já os morfossintáticos trata das diferentes classes de palavras existentes que constituem o sentido e a expressividade. No campo semântico teríamos a busca da rede de significação a fim de encontrar a unidade textual.

Nesse movimento intenso a linguagem poética configura-se num universo de sensações que provoca as emoções. Entretanto é mister distinguir que provocar emoções é sobretudo, despertar para uma leitura de mundo mais humanizada e consciente, uma leitura do real e do ser que recupera experiências e as refaz ou reinterpreta de acordo com a necessidade, ou seja, muitas vezes a linguagem poética desconstrói ou quebra paradigmas levando a uma nova visão da vida e do homem. Assim, valendo-se do pensamento de Spencer apud Eikhenbaum (1976, p.43) “O mérito do estilo consiste em alojar um pensamento máximo num mínimo de palavras”, e esse feito é conseguido pela arte poética quando dizendo diferente e em poucas palavras, diz-se o mundo, como podemos verificar no poema que se segue:

Nova Poética

Vou lançar a teoria do poeta sórdido.

Poeta sórdido:

Aquele em cuja poesia há a marca suja da vida.

Vai um sujeito,

Sai um sujeito de casa com roupa de brim branco muito bem engomada,

[e na primeira esquina passa um caminhão, salpica-lhe o

paletó ou a

[calça de uma nódoa de lama:

É a vida.

O poema deve ser como a nódoa no brim:

Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero.

Sei que a poesia é também orvalho.

Mas este fica para as menininhas, as estrelas alfas, as virgens cem por cento

[e as amadas que envelheceram sem maldade.

Bandeira, OP,CIT.P.184.

Como já mencionamos anteriormente da capacidade do poeta de empregar as palavras com sentidos que muitas vezes se distanciam do sentido usual, já dizia Gilberto Gil: “Pois ao poeta cabe fazer/Com que na lata venha a caber/ O incabível”, ou seja, ao passar sua mensagem ele tanto pode se utilizar dessa linguagem metafórica quanto da linguagem corrente, cotidiana. Muito da força, da beleza de um poema, está nas imagens que o poeta cria. Usando as palavras, na construção dos versos e estrofes, vai se mostrando a capacidade do poeta de traduzir, transformar em imagens suas idéias e sentimentos.

Falar em imagens significa falar de fenômeno que se dá, para nós, antes mesmo da palavra. Fixamos em nós imagens das coisas que nos cercam antes de podermos nomeá-las como comenta Bosi (1993, p.47): “A imagem é um modo da presença que tende a suprir o contacto direto e manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós”.

O poeta lida de maneira particular com as imagens ao construir seu texto, já que, no poema, a imagem “é uma palavra articulada”, segundo Alfredo Bosi. Observando a linguagem poética utilizada por Manoel Bandeira, podemos nos imaginar agora no lugar desse “sujeito” que sai à rua e tem sua roupa manchada. Imaginemos o desagradável contraste da lama sobre nossa roupa limpa e “muito bem engomada”. Agora relacionemos a força deste contraste com a idéia proposta pelo poeta no início do poema. Dar uma nova face à poesia, em que haja lugar não só para o “orvalho”, mas para “a marca suja da vida”, que é muitas vezes deixada de lado.

Em vez de explicar por meio de uma argumentação, de uma clara exposição de idéias articuladas, o poeta nos passa a mensagem através de uma imagem bastante cotidiana. Além do jogo de imagens contrastes, ele ainda usa o tamanho dos versos como um recurso a mais para enfatizar sua idéia: são muito grandes e têm de ser cotados, destoando dos outros poemas feitos em versos de tamanho regular.

Lendo atentamente o poema “Nova Poética” poderíamos extrair dele suas idéias principais, ao fazer o caminho inverso: das idéias criadas pelo poeta para as idéias desenvolvidas em cada leitor. Podemos dizer que há uma insatisfação do poeta, até certo desprezo, em relação à poesia. Há também o desejo de mudar essa situação por meio de uma maneira de fazer poesia.

Portanto, para se fazer a leitura de um poema é necessário, aguçar a sensibilidade para o “estranhamento” provocado na leitura do poema, além de ser preciso, o incentivo, para que o leitor consiga absorver a singularidade da linguagem inserida no poema. O poeta pode se apropriar de palavras, formas, elementos do cotidiano e utilizá-los de maneira poética.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. – São Paulo: Scipione, 1989.

BANDEIRA, Manuel. **Itinerário de Pasárgada**. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. – São Paulo: Cultrix, 1993.

EIKHENBAUM et al. **Teoria da Literatura formalista russos**. – Porto Alegre: Globo, 1971.

MICHELLETTI, Guaraciaba. **Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção**. – São Paulo: Cortez, 2000.